

## ARTÉRIAS DE MAPUTO:



# Buracos crescem por falta de dinheiro e de iniciativa

TEXTO DE ALEXANDRE LUIS • FOTOS DE JORGE TOMÉ

A degradação das ruas e avenidas da cidade de Maputo chegou a extremos intoleráveis. Não há nenhuma onde um carro possa circular sem que os buracos não lhe interrompam a marcha. A agravar esta situação a Direcção dos Serviços Urbanos do Conse-

lho Executivo da Cidade de Maputo diz que não tem fundos. E tudo leva a crer que não será a curto prazo que o problema será resolvido. Afinal de onde virá o dinheiro se é que se trata apenas de uma questão de dinheiro?

As pessoas mais afectadas pela situação das ruas e estradas da cidade de Maputo são os automo-

bilistas dado que os buracos danificam os seus carros. Mas não seria tocar com o dedo na ferida

abordar a questão apenas por este ângulo.

Vejamo-la em termos da estéti-



**Miúdos a tapar buracos na Avenida do Trabalho**



**Nesta artéria, situada na zona militar da cidade de Maputo buracos pequenos tornaram-se grandes por falta de assistência**



ca que uma cidade capital deve apresentar, entanto que espelho de um país embora seja um país que sofre os efeitos da guerra e de outros factores que contribuem para a degradação da sua economia, o que se reflecte nas cidades. Perante isto, quais seriam as responsabilidades dos governos locais para minimizar a destruição das mesmas.

A situação actual das avenidas e ruas da cidade de Maputo caracteriza-se por buracos. Isto faz com que na circulação dos automóveis os motoristas façam gincanas: fugindo dos buracos, eles saem da sua mão para a do sentido oposto cortando a prioridade a outros. Isto é atentatórias às suas vidas devido a uma maior possibilidade de acidentes que podem acontecer. Se ainda não acontecem.

Fora isto há o aspecto financeiro sentido pelos automobilistas ao verem os seus carros a danificarem-se perante uma situação grave de falta de acessórios no mercado nacional ou que se existem são comprados a elevados preços.

Passado mais de um ano em que as estradas estão votadas à degradação, algumas brigadas aparecem a tapar os buracos. Em conversa com Alfredo Pelembe, S a l v a d o r Cumbane e Fabião Tcheco que fazem parte da 11.ª brigada de conservação de estradas (tapa-buracos), trabalhando segundo a ordem, desde 1959, 1971, e 1969 quisemos saber como era feito o trabalho no tempo colonial. Eis a resposta:

— «Todos os dias quando íamos ao serviço encontrávamos o material no local de trabalho. Cada brigada tinha o seu capataz que fazia as requisições e havia carros que transportavam à zona indicada. Agora há pouco material e às vezes dizem que já acabou.»

Eles disseram que no ano passado o Conselho Executivo da Cidade de Maputo não teve dinheiro para reparar as estradas. Foi a partir daí que nelas, a pouco e pouco, os pequenos buracos foram ganhando dimensão. E, agora, o método utilizado para tapá-los é ineficiente: primeiro porque as briga-

**A Avenida Vladimir Lenine em mais de metade está cheia de buracos**





Uma brigada do Conselho Executivo a trabalhar na Avenida Fernão de Magalhães

das nunca chegaram a trabalhar numa única avenida até a concluir. Segundo, porque os buracos tapados voltam a abrir-se. As estradas são velhas pois acontece que depois de se tapar um abre-se outro ao lado. Mas nem isso se justifica o actual estado da maioria das artérias.

Jorge Watch Missangue, também tapa-buracos desde 1959, explicou que quando não se tapa na totalidade um buraco depois de chover e com o movimento dos carros a parte não reparada aumenta de volume. Ele contou como fazia o trabalho no tempo colonial:

— «Primeiro passávamos no buraco uma vassoura. Depois metíamos a pedra britada e batíamos com o maço para depois deitarmos o alcatrão quente. A seguir púnhamos o cimento armado, tornávamos a bater com o maço e deitávamos o resíduo e finalmente, o alcatrão.»

Ele acrescentou que este é o procedimento actual. Só que agora há falta de material e instrumentos de trabalho pois os tapa-buracos precisam de caldeiras para aquecer

o alcatrão, do cilindro para substituir o maço nos buracos grandes. Devido à falta do carvão mineral os Serviços Urbanos do Conselho Executivo da Cidade de Maputo optaram pelo pneu para aquecer o alcatrão. Mas os trabalhadores estão contra esta opção porque prejudica-lhes a saúde e quando vão ao hospital não encontram assistência eficiente. Apontaram o caso de um colega seu que ficou de baixa no hospital desde que o pneu foi utilizado como recurso.

#### QUE SOLUÇÕES PARA OS BURACOS

Segundo o director dos Serviços Urbanos da Cidade de Maputo, Amaral Matos, quarenta milhões de meticais é a verba atribuída, este ano, pelas Finanças para a reparação das artérias de Maputo. «Este dinheiro só é suficiente para se trabalhar dois meses.»

Entretanto, em algumas avenidas da cidade de Maputo, os «chapas 100» tomaram a iniciativa de recrutar miúdos para taparem os buracos com areia e pedra. Guilher

me Francisco, de 14 anos aluno da escola primária de Chamanculo abordado na Avenida do Trabalho disse que os «chapas 100» pediram-nos para fazer este trabalho. Por cada vez que passam daqui dão-nos 100 meticais».

A atitude dos «chapas 100» de pagarem aos miúdos pelo trabalho de tapar os buracos surge do facto de lhes sair mais barato pagar a quem tape os buracos, mesmo tratando-se de uma solução provisória, do que suportar o custo do arranjo das viaturas devido ao desgaste a que são sujeitas por terem de circular em piso irregular.

Não é esta, de forma alguma, a maneira de resolver o problema. Muito menos numa cidade-capital como Maputo. E mesmo concordando-se que a verba atribuída pelas Finanças para este sector é exígua, resta o recurso à utilização de taxas, algumas das quais aprovadas mas que podem não estar a ser cobradas com a eficiência que seria desejável, e a um maior controlo e fiscalização na execução do trabalho.